

KONDER, Leandro. *Fourier, o socialismo do prazer*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1998.

Que significado ou interesse poderia despertar Charles Fourier (1772-1837), esse pensador pleno de excentricidades e ilusões datadas, no final de um século desastroso? Que contribuições teria ele a dar para aqueles que teimam em recompor velhos e novos questionamentos sobre possíveis transformações do mundo? Responder a essas e tantas outras questões parece ser a razão do livro de Leandro Konder, *Fourier o socialismo do prazer*. Na mesma direção de publicações anteriores, este autor, em linguagem leve e convidativa, (re)apresenta e atualiza a importância de pensadores e personagens que a história em alguns casos, condenou ao ostracismo. Assim o fez com Lukács, Brecht, Kafka, Benjamin, o Barão de Itararé, e sua inclinação para Fourier provavelmente decorreu do breve e agradável livro sobre a vida do fourierista Flora Tristan (1994).

A leveza e o didatismo informativo dessas obras, destinadas inclusive a leigos, são qualidades que, em geral, a academia não perdoa. No entanto, são essas qualidades que o levam a construir textos desmistificadores de aspectos consagrados de seus personagens. É o caso de Fourier, indistintamente colocado ao lado de Saint Simon e Owen, aos quais dedicou o panfleto *Armadilhas e charlatanismo das seitas de Saint Simon e Owen (1831)*, que, sem ter pretendido, acabou por engrossar as fileiras do socialismo utópico.

Segundo Konder, Fourier jamais imaginou-se um socialista, termo que, aliás, foi criado somente “nos anos trinta do século XIX, quando (...) estava velho, e era adotado, predominantemente, por saint-simonianos, que ele considerava mistificadores”. (p. XI) Suas idéias tampouco eram criadas como utopia porque julgava aportá-las num “método eficaz e dispor do meio adequado” para concretizá-las. A via revolucionária, personificada em Babeuf e correligionários, não o convencia, já que, através dela, a “felicidade pessoal, se não se satisfizesse com as alegrias da luta política, deveria aguardar que fosse criada a sociedade nova para vir a ser objeto de um investimento significativo”. (p. 73) Para ele, ao contrário, o futuro adviria das conquistas arroladas no presente.

Fourier parece pertencer àquela categoria de pensadores muito conhecidos bastante citados, solidamente adjetivados, mas pouco ou

nada freqüentados. Dado a esquisitices lingüísticas e raciocínios complexos, seus escritos costumam ser, por convicção, difíceis e chatos, afugentando o mais bem-intencionado dos leitores com sua narrativa recheada de cálculos e neologismos.¹ Mais conveniente tem sido recorrer aos comentadores, reforçando, assim, os estigmas construídos em torno do seu nome e pensamento.

A julgar pelas críticas que recebeu em vida e postumamente, tem-se de Fourier menos a idéia de um intelectual sério e mais a imagem de um personagem – louco, visionário, tarado – que testemunhou e desencantou-se com a destinação revolucionária da França e da civilização em geral. Independente e autodidata, livre, portanto, das regras que sobejariam nas academias do século XIX, Fourier transformou sua desilusão não nos fatalismos melancólicos da época, mas em esperança. Com base numa arguta crítica superadora, concebeu um “admirável mundo novo – o falanstério – fator exemplar para a humanidade emergir da infância civilizatória e alcançar a harmonia.

Construiu “desenvoltas estripulias teóricas”; descobriu a “lei da atração passional”; preconizou, pioneira e radicalmente, a “liberdade das mulheres”; classificou esquematicamente os “períodos percorridos pela humanidade em sua evolução social”; vociferou contra a degradação do trabalho e a destruição da natureza; elevou as paixões (físicas e espirituais), o amor, o desejo, o erotismo e a gastrosofia a patamares capazes de confrontar a moral repressora da civilização. A esse respeito, as críticas que desfere contra a moral iluminista, fundamentalmente, poderiam supor uma aproximação dele com o desregramento romântico, muito em voga no seu tempo, mas Konder limita-se a discordar de Löwy & Sayre (*Romantismo e política*, 1992) na inclusão que fazem de Fourier na sua tipologia romântica do “socialismo utópico humanista”, inclusão essa que lhe amputa algumas de suas mais insignificantes características (p. XII). Mais do que tudo, porém, Fourier qualificou e quantificou as múltiplas e variadas dimensões humanas que poderiam, enfim, liberar suas potencialidades na concepção societária que ele obstinadamente tentou experimentar.²

Suas idéias, muitas delas fantasiosas, sendo uma das mais engraçadas a que prevê os oceanos do futuro convertidos em “limonada”, formam todas, segundo Konder, uma unidade eivada de

1 Há uma passagem no livro de Konder onde se observa que até mesmo seus seguidores, editores do semanário Falanstério sugeriam-lhe, sem sucesso, textos mais palatáveis para publicação. (p. 14).

2 Em 1841, o município de São Francisco (atual Joinville), em Santa Catarina, viveu, por iniciativa de um grupo de franceses, uma experiência fourierista que fracassou. Mas, não deixa de ser hilário que num país escravocrata sediasse uma forma societária radicalmente livre.

“intuição ontológica”, na qual fundiu duas aspirações “a da revalorização do espírito comunitário e a da mais completa liberdade para todos.” (p. 46)

Sem desprezar os aspectos risíveis de Fourier, Leandro Konder destaca seus traços mais combativos e conseqüentes, aqueles que seduziram Marx e, de modo especial, Engels que afirmou: “Fourier criticou as relações existentes com tanta agudeza, graça e humor, que a gente perdoa gostosamente suas fantasias cosmológicas, que também se baseiam numa genial visão de mundo.” (p. 53) Além deles, Balzac, Stendhal, Zola, Tchernitchévsky, Lukács perdoaram-lhe as extravagâncias e reverenciaram sua genialidade criativa, a ponto deste último declarar, no livro *O Jovem Hegel*, “que a crítica social elaborada por Fourier se situa num nível superior à de Hegel.” (p. 57)

Essa, talvez, seja a maior contribuição deste pequeno livro que, pelo prisma do prazer, reconstrói o pensamento polêmico e libertário de Fourier, tantas vezes confundido com loucura e pornocracia.

É um livro breve, incompleto, sem dúvida alguma, no qual duas ausências se destacam. A primeira refere-se à obsessão quantificadora de Fourier, visível em toda e qualquer formulação teórica que elabora. Konder a menciona mas não analisa essa dimensão que parece ter sido mais importante do que sugere o autor.³ Da mesma forma, o autor, ao fazer menção a Victor Considérant, seu mais fiel discípulo, e outros fourieristas, não toca no papel, ainda que diluído entre as demais tendências libertárias da época, exercido por eles no panorama revolucionário que precedeu e serviu de estopim em 1848.

No entanto, esse é um trabalho de intenções provocativas, um trabalho que desafia o rigorismo político das esquerdas que, no exercício austero e imediato de suas táticas e estratégias, se esquece da importância da educação dos sentidos humanos para o novo a eles intrínseco. Fourier pode e deve, segundo Konder, ser reconduzido para a atualidade a fim de que se possa enxergar aquilo que o homem perdeu e precisa restituir dos últimos 150 anos de sua história.

Maria Orlanda Pinassi
Universidade Estadual de São Paulo-UNESP

³ Por exemplo, a constituição das séries que reuniram um determinado número de criaturas em torno de afinidades entre elas e da contraposição a outras, pode ter tido a influência ou influenciado outro Fourier, Jean Baptiste (1768-1830), matemático, seu contemporâneo, formulador de um importante movimento vibratório que podia ser representado por uma trigonométrica.